

**A LITERATURA BRASILEIRA NO SISTEMA CULTURAL FRANCÊS:  
REPRESENTAÇÕES DO JORNAL *LE MONDE* EM 2014**

**THE BRAZILIAN LITERATURE IN THE FRENCH CULTURAL SYSTEM: *LE  
MONDE'S* REPRESENTATION IN 2014**

Rosalia Rita Evaldt PIROLI<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo iremos apresentar uma análise das matérias publicadas no jornal *Le Monde*, ao longo do ano de 2014, procurando identificar quais são as representações da literatura brasileira traduzida no sistema cultural francês. Além disso, procuraremos apontar se ainda persistem certas imagens estereotipadas ou exotizantes de nossa literatura dentro desse sistema cultural.

**Palavras-chave:** Literatura brasileira traduzida; Recepção; Representação.

**Abstract:** In this paper we will present an analysis of the articles published in the *Le Monde* newspaper in 2014. We will identify the most common representations of translated Brazilian literature in the French cultural system. We will also point out if the stereotypical or exoticizing images of Brazilian literature are still strong in this cultural system.

**Keywords:** Translated Brazilian literature; French reception; Representation.

### **1. A literatura brasileira no sistema cultural francês**

As relações culturais entre o Brasil e a França, apesar de terem escapado a um modelo colonial clássico, segundo Carelli (1994, p. 18), sempre foram regidas por uma forte dissimetria e pela permanência de um cerrado conjunto de estereótipos. Desde o século XVI, através de uma construção narrativa mediada por relatos e diários de viajantes europeus, o Brasil é marcado e reconhecido pelo signo do exótico, do primitivo e do tropical. A essa primeira representação, simplista e exotizante, soma-se, de acordo com Carelli (1994, p. 183), uma segunda imagem, mais recente: a de um país jovem, em vias de modernização e que seria, potencialmente, a nação do futuro. Além disso, esse pesquisador inclui ainda, nessa conta, outras tantas imagens recorrentes: o futebol, o carnaval, a sexualidade, a mestiçagem. Essas representações, enredadas ou alternadas, consolidaram um horizonte de expectativa a respeito do Brasil no sistema cultural francês. De certa forma, esse horizonte de expectativa estabelece as condições para a tradução, a recepção e a ampla circulação das produções culturais brasileiras, notadamente para a

---

<sup>1</sup> Professora substituta no Departamento de Teoria e Prática de Ensino (DTPEN), da UFPR. Doutoranda em Letras – Estudos Literários, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bolsista CAPES. 80.060-010, Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: [rpirolli@gmail.com](mailto:rpirolli@gmail.com).

literatura.

Além das limitações impostas por essas representações simplificadoras, a literatura brasileira enfrenta ainda os filtros de uma complexa relação hierárquica no sistema cultural francês. Para Even-Zohar (2012),

é visivelmente claro que o sistema cultural francês, com a literatura francesa naturalmente inclusa, é muito mais rígido que a maioria dos outros sistemas [culturais]. Isso, combinado com a longa posição tradicional da literatura francesa dentro do contexto europeu (e dentro do macro-sistema europeu) fez com que a literatura traduzida na França ocupasse uma posição extremamente periférica. (EVEN-ZOHAR, 2012, p. 8).

A ex-cêntrica literatura brasileira ocupa uma posição ainda mais periférica dentro do sistema cultural francês, submetida às normas convencionalmente estabelecidas na literatura-alvo. A literatura traduzida pode ser compreendida como um fato da cultura alvo (cf. Toury, 2012), que influencia, seleciona e determina aquilo que será traduzido, dentro de um horizonte de expectativa, em consonância com os componentes do imaginário da própria cultura alvo. Dessa forma, o mapeamento das representações ainda correntes a respeito da literatura brasileira pode revelar quais são os fatores determinantes para a sua circulação e sua recepção dentro do sistema cultural francês.

## **2. Literatura brasileira e o jornal *Le Monde***

Para Rissardo (2015), uma das formas mais eficazes para compreender a recepção mais imediata da literatura brasileira no sistema cultural francês é percorrer a mídia, tomando-a como uma espécie de “termômetro de avaliação da visibilidade da nossa ficção no exterior” (RISSARDO, 2015, p. 6). A partir dessa formulação de Rissardo e buscando as representações persistentes a respeito da literatura brasileira, iremos, neste artigo, analisar as notícias referentes à nossa literatura no jornal *Le Monde*, ao longo de 2014 – ano em que o Brasil foi notícia graças à realização da Copa do Mundo. A escolha por esse jornal foi pautada, em primeiro lugar, pelo seu papel de referência no jornalismo francês, como aponta Champagne (2000, p. 10-11) e, em segundo lugar, pelo seu prestígio junto às esferas políticas, intelectuais, culturais e acadêmicas. Considerando, portanto, o lugar

privilegiado ocupado por esse jornal, assim como a influência que ainda conserva entre seu leitorado, parece-nos possível compreender o *Le Monde* como o espelho de uma parte significativa dos discursos e das imagens que circulam na sociedade francesa como um todo.

Tendo delimitado o meio material (o jornal *Le Monde*) e o intervalo temporal (o ano de 2014), efetuamos uma varredura nos cadernos principais e também nos suplementos semanais *Le Monde des Livres* e *Culture & Idées*. Pudemos localizar trinta e dois artigos que tratavam, direta ou indiretamente, de literatura brasileira. No quadro abaixo, apresentamos o caderno e a data de publicação de cada matéria, seu título, seu subgênero jornalístico, o jornalista responsável – se o texto estiver assinado – e se a referência à literatura brasileira é tema predominante do artigo. Nesse caso, consideramos que a literatura é tema predominante do artigo quando ela é o assunto principal, como no caso das resenhas ou críticas. Veremos que há alguns casos em que a literatura brasileira é apenas mencionada, sem maiores desenvolvimentos.

<b>Data</b>	<b>Título</b>	<b>Caderno ou Suplemento</b>	<b>Subgênero jornalístico</b>	<b>Assinatura</b>	<b>Referência</b>
11/06	<i>L'ancien ouvrier agricole brésilien devenu bouffeur de communistes</i>	Caderno principal – seção <i>Culture</i>	Artigo	Franck Nouchi	Ind.
12/06	“Jules Rimet, meu Amor” - <i>Chapitre 1</i>	Caderno principal – seção <i>Brésil 2014</i>	Novela (excerto)	∅	Dir.
13/06	“Jules Rimet, meu Amor” - <i>Chapitre 2</i>	Caderno principal – seção <i>Brésil 2014</i>	Novela (excerto)	∅	Dir.
15/06 16/06	“Jules Rimet, meu Amor” - <i>Chapitre 3</i>	Caderno principal – seção <i>Brésil 2014</i>	Novela (excerto)	∅	Dir.
16/06	“Jules Rimet, meu Amor”, par Sérgio Rodrigues (4/24)	Portal de notícias <i>online</i> do jornal – seção <i>Brésil 2014</i>	Novela (excerto)	∅	Dir.
18/06	“Jules Rimet, meu Amor” - <i>Chapitre 5</i>	Caderno principal – seção <i>Brésil 2014</i>	Novela (excerto)	∅	Dir.
19/06	“Jules Rimet, meu Amor” - <i>Chapitre 6</i>	Caderno principal – seção <i>Brésil 2014</i>	Novela (excerto)	∅	Dir.
20/06	“Jules Rimet, meu Amor” - <i>Chapitre 7</i>	Caderno principal – seção <i>Brésil 2014</i>	Novela (excerto)	∅	Dir.
20/06	<i>Tessons de souvenir</i>	<i>Le Monde des Livres</i> – seção <i>Littérature – Critiques</i>	Resenha	Florence Noiville	Dir.
22/06 23/06	“Jules Rimet, meu Amor” - <i>Chapitre 8</i>	Caderno principal – seção <i>Brésil 2014</i>	Novela (excerto)	∅	Dir.
24/06	“Jules Rimet, meu Amor” - <i>Chapitre 9</i>	Caderno principal – seção <i>Brésil 2014</i>	Novela (excerto)	∅	Dir.
25/06	“Jules Rimet, meu Amor” - <i>Chapitre 10</i>	Caderno principal – seção <i>Brésil 2014</i>	Novela (excerto)	∅	Dir.
26/06	“Jules Rimet, meu Amor” - <i>Chapitre 11</i>	Caderno principal – seção <i>Brésil 2014</i>	Novela (excerto)	∅	Dir.
27/06	“Jules Rimet, meu Amor”, par Sérgio Rodrigues (12/24)	Portal de notícias <i>online</i> do jornal – seção <i>Brésil 2014</i>	Novela (excerto)	∅	Dir.
29/06 30/06	“Jules Rimet, meu Amor” - <i>Chapitre 13</i>	Caderno principal – seção <i>Brésil 2014</i>	Novela (excerto)	∅	Dir.

6					
01/07	“Jules Rimet, meu Amor” - <i>Chapitre 14</i>	Caderno principal – seção <i>Brésil 2014</i>	Novela (excerto)	∅	Dir.
02/07	“Jules Rimet, meu Amor” - <i>Chapitre 15</i>	Caderno principal – seção <i>Brésil 2014</i>	Novela (excerto)	∅	Dir.
03/07	“Jules Rimet, meu Amor” - <i>Chapitre 16</i>	Caderno principal – seção <i>Brésil 2014</i>	Novela (excerto)	∅	Dir.
05/07	“Jules Rimet, meu Amor” - par Sérgio Rodrigues (17/24)	Portal de notícias <i>online</i> do jornal – seção <i>Brésil 2014</i>	Novela (excerto)	∅	Dir.
06/07 07/07	“Jules Rimet, meu Amor” - <i>Chapitre 18</i>	Caderno principal – seção <i>Brésil 2014</i>	Novela (excerto)	∅	Dir.
07/07*	“Jules Rimet, meu Amor”, par Sérgio Rodrigues (19/24)	Portal de notícias <i>online</i> do jornal – seção <i>Brésil 2014</i>	Novela (excerto)	∅	Dir.
09/07	“Jules Rimet, meu Amor” - <i>Chapitre 20</i>	Caderno principal – seção <i>Brésil 2014</i>	Novela (excerto)	∅	Dir.
10/07	“Jules Rimet, meu Amor” - <i>Chapitre 21</i>	Caderno principal – seção <i>Brésil 2014</i>	Novela (excerto)	∅	Dir.
10/07	<i>Allemagne-Brésil, match nul à Avignon</i>	Caderno principal – seção <i>Culture</i>	Resenha	Fabienne Darge	Ind.
11/07	“Jules Rimet, meu Amor”, par Sérgio Rodrigues (22/24)	Portal de notícias <i>online</i> do jornal – seção <i>Brésil 2014</i>	Novela (excerto)	∅	Dir.
13/07 14/07	“Jules Rimet, meu Amor” - <i>Chapitre 23</i>	Caderno principal – seção <i>Brésil 2014</i>	Novela (excerto)	∅	Dir.
15/07	“Jules Rimet, meu Amor” - <i>Chapitre 24</i>	Caderno principal – seção <i>Brésil 2014</i>	Novela (excerto)	∅	Dir.
30/07	Ariano Suassuna	Caderno principal	Obituário	Véronique Mortaigne	Ind.
12/09	<i>Se relever</i>	<i>Le Monde des Livres</i> – seção <i>Littérature – Critiques</i>	Nota	Catherine Simon	Dir.
26/09	<i>La samba, c'est ça !</i>	<i>Le Monde des Livres</i> – seção <i>Critiques – Essais</i>	Nota	Paloma Blanchet-Hidalgo	Dir.
04/10	<i>Brésilien pur sucre</i>	<i>Cultures &amp; Idées</i>	Artigo	Véronique Mortaigne	Ind.
21/11	<i>Insoutenable pesanteur de la chair</i>	<i>Cultures &amp; Idées</i>	Artigo	Florence Bouchy	Dir.

**QUADRO 1 – ARTIGOS SOBRE LITERATURA BRASILEIRA NO *LE MONDE***

## 2.1 Subgêneros jornalísticos

Nesse conjunto, pudemos verificar que há uma certa variedade de subgêneros jornalísticos: artigos, resenhas, notas e obituários. Além disso, encontramos também a reprodução, na íntegra, de um texto literário. A novela, intitulada “Jules Rimet, meu Amor”, de Sérgio Rodrigues, fora encomendada pelo próprio jornal, para “temperar” o suplemento especial *Brésil*, criado especialmente para o Mundial de Futebol. A tradução desse texto foi publicada entre 12 de junho e 15 de julho de 2014, pelas mãos de Ana Isabel Sardinha e Antoine Volodine e foi apresentada como um folheto, dividida em vinte e quatro fascículos, chamados de “capítulos”. No Brasil, essa mesma novela foi publicada em português, em formato de livro digital, no *site* da editora do autor.

Além dos subgêneros jornalísticos nos quais figurava a literatura brasileira

traduzida, outro dado importante é a distribuição da publicação dos textos ao longo do ano de 2014. Podemos visualizar, no gráfico abaixo, o expressivo aumento no número de publicações nos meses de junho e julho. Esse pico, antes de suscitar otimismo, deve ser analisado com cautela, por conta da publicação em fascículos da novela “Jules Rimet, meu Amor”, que pode deformar nossa análise.

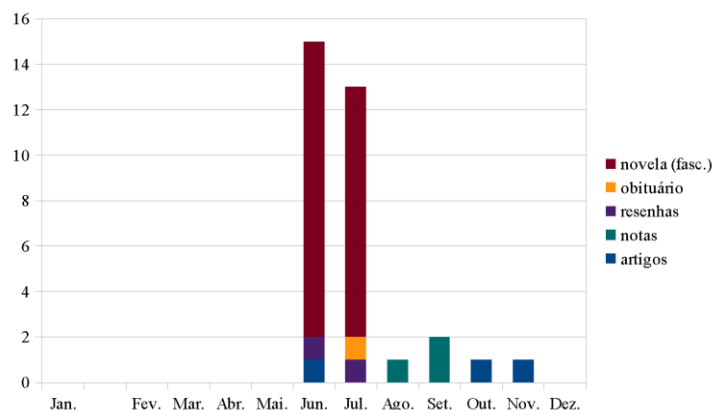


FIGURA 1 – DISTRIBUIÇÃO DOS ARTIGOS AO LONGO DE 2014

## 2.2 Espaços de legitimação: os cadernos especiais de cultura e de literatura

Todos os artigos encontrados se distribuem em três espaços distintos do jornal: o caderno principal – que, durante a Copa do Mundo, incluía o suplemento especial *Brésil* – e os suplementos semanais *Cultures & Idées* e *Le Monde des Livres*.

O suplemento *Cultures & Idées*, publicado todos os sábados, é apresentado, no próprio *site* do jornal, como o espaço onde “[...] *l'actualité [est] traitée non pas sous l'angle des faits, mais par l'intermédiaire du débat d'idées, pour en saisir les enjeux, la source, les développements possibles*” (LE MONDE, s/d). Nesse suplemento, predominam os artigos longos, que tratam de temas relacionados ao universo cultural, político e social europeu. Essa característica se confirma através dos dois artigos selecionados em nosso corpus: “*Insoutenable pesanteur de la chair*” e “*Brésilien pur sucre*”.

No primeiro deles, Bouchy trata do tema da obesidade sob o subjetivo ponto de vista da literatura, apresentando três romances estrangeiros recém-traduzidos para o francês, dentre os quais *Les yeux plus grands que le ventre* (*As esganadas*, em português),

de Jô Soares. Além de estabelecer relações entre o tema do artigo e o seu tratamento ficcional, a jornalista apresenta o enredo dos romances e tece alguns comentários, que veremos posteriormente. Esse primeiro artigo também apresenta uma ficha das edições francesas de cada publicação, a reprodução de suas capas e um excerto. Em “*Brésilien pur sucre*”, Mortaigne apresenta um perfil de Jorge Mautner, destacando alguns detalhes biográficos – como a origem estrangeira de seus pais e a sua militância durante o regime militar no Brasil – além de diversas opiniões desse artista a respeito do cenário político brasileiro e, sobretudo, das eleições que ocorreriam em breve. Apesar de Mautner ser nomeado, no *chapeau* do artigo como escritor, a única menção a sua produção literária aparece em uma nota, na qual consta uma referência ao seu livro, *Mitologia do kaos*, lançado em 2002 e ainda sem tradução para o francês.

O outro suplemento, *Le Monde des Livres*, sai todas as sextas-feiras e, segundo a descrição no *site* do jornal, “[*apporte*] chaque semaine l’actualité de l’édition et la critique des principales parutions, dans tous les genres, de la littérature classique à la bande dessinée” (LE MONDE, s/d). É nesse suplemento que iremos encontrar a maioria das publicações relacionadas diretamente à literatura brasileira. As duas notas, publicadas em 12/09 e 26/09, comentam o lançamento das edições francesas dos livros *Journal de la chute* (*Diário da queda*, no original e grafado *Diàrio* (sic) *da queda* na resenha), de Michel Laub e *Depuis que la samba est samba* (*Desde que o samba é samba*, no original), de Paulo Lins. A resenha, publicada em 20/06, dá notícia, com um pouco mais de fôlego, do recém-publicado *La langue des signes* (*Linguagem de sinais*), romance de Luiz Schwarcz.

No caderno principal, iremos encontrar, além da novela de Rodrigues e de uma nota de falecimento, dois textos. O artigo “*L’ancien ouvrier agricole brésilien devenu bouffeur de communistes*”, publicado em 11/06, anuncia e comenta o lançamento francês do filme *Sao Bernardo* (1971), de Leon Hirszman. O outro texto é uma resenha de duas peças que haviam estreado no Festival de Teatro de Avignon. Tais peças, uma brasileira (*Dire ce qu’on ne pense pas dans des langues qu’on ne parle pas*, escrita por Bernardo Carvalho e montada por Antonio Araujo) e uma alemã (*Hypérion*, escrita por Friedrich Hölderlin e montada por Marie-José Malis), estrearam, segundo a jornalista que assina a matéria, com o pé esquerdo.

Poderíamos, a partir de nossos dados, levantar a hipótese de que o caderno

principal do jornal *Le Monde* se restringiria à publicação de notícias e artigos mais imediatamente relacionados aos eventos diários. Todavia, essa restrição hipotética não impediu a publicação de resenhas sobre lançamentos do mercado editorial francês ou críticas de outros produtos culturais europeus. E, de fato, encontramos, em nossa pesquisa, diversos artigos, resenhas e críticas no caderno principal que tratavam de cinema, música, teatro, dança e até mesmo de literatura. Entretanto, dentro do recorte de tempo analisado neste trabalho, a literatura brasileira traduzida não figurava como assunto principal nesse espaço privilegiado do jornal.

### 3. A posição periférica da literatura brasileira traduzida no sistema cultural francês

Como pudemos constatar, através de nossos dados, a literatura traduzida brasileira ainda ocupa uma posição periférica no sistema cultural francês, apesar de sua crescente divulgação nos últimos cinquenta anos. Riaudel (2005, p. 22) faz um levantamento dos livros de literatura brasileira publicados na França: até a Primeira Guerra Mundial, a média era de um título a cada dois anos; no período entre-guerras, esse número passa para um volume por ano; a partir dos anos 1960, o Brasil participa do boom da literatura latino-americana. É nessa época que livros de autores como Graciliano Ramos e Mário de Andrade ganham as suas primeiras traduções para o francês. Entre os anos 2000 e 2013, segundo Spézia (2015), foram 193 títulos traduzidos e publicados, o que representa uma média de 14 livros por ano. No entanto, essa literatura não chega às páginas dos jornais, não recebe resenhas ou críticas. O termômetro da imprensa pouco nos revela, de fato, sobre a efetiva recepção dessa literatura.

Além disso, se observarmos atentamente o grupo de autores citados nos artigos do jornal *Le Monde*, apresentados no quadro abaixo, encontraremos outras questões preocupantes.

Autor	Título original, primeira data de publicação (cf. mencionados nos artigos do <i>Le Monde</i> )	Título traduzido, data de publicação da tradução, nome do tradutor, editora e coleção (cf. mencionados nos artigos)
Graciliano Ramos	<i>São Bernardo</i> (1936)	<i>Sao Bernardo</i> (1986) – Gallimard – Collection “Du monde entier”
	Não consta	<i>Angoisse</i> (s/d)
	Não consta	<i>Sécheresse</i> (s/d)
Sérgio Rodrigues	<i>Jules Rimet, meu amor</i> (2014)	<i>Jules Rimet, meu amor</i> (2014), Ana Isabel Sardinha e Antoine Volodine

	<i>O Drible</i> (s/d)	Não consta
Luiz Schwarcz	Não consta	<i>Eloge de la coïncidence</i> (2007) – <i>Actes Sud</i>
	<i>Linguagem de sinais</i> (s/d)	<i>La langue des signes</i> (2014) – Michel Riaudel – <i>Actes Sud</i>
Bernardo Carvalho	Não consta	<i>Dire ce qu'on ne pense pas dans une langue qu'on ne parle pas</i>
Ariano Suassuna	<i>O Auto da compadecida</i> (s/d)	<i>Le Testament du chien</i> (s/d)
	Não consta (1971)	<i>La Pierre du royaume</i> (s/d) – <i>Métailié</i>
Michel Laub	<i>Diário (sic) da queda</i> (s/d)	<i>Journal de la chute</i> (2014) – Dominique Nédellec – <i>Buchet-Chastel</i>
Paulo Lins	Não consta (s/d)	<i>La Cité de Dieu</i> (2003) – <i>Gallimard</i>
	<i>Desde que o samba é samba</i> (s/d)	<i>Depuis que la samba est samba</i> (2014) – Paula Salnot – <i>Asphalte</i>
Jorge Mautner	<i>Mitologia do kaos</i> (2002)	Não existe tradução francesa
Jô Soares	<i>As esganadas</i> (s/d)	<i>Les yeux plus grands que le ventre</i> (2014) – François Rosso – <i>Folio policier</i>

**QUADRO 2 – AUTORES MENCIONADOS NOS ARTIGOS DO *LE MONDE***

A primeira constatação que podemos fazer, ao observar os nomes dessa lista, é a presença exclusiva de autores homens. A literatura brasileira produzida por mulheres ocupa um lugar ainda mais periférico no sistema cultural francês, segundo o que pudemos apreender em nossa análise.

Podemos agrupar esses autores em três conjuntos distintos: os autores reconhecidamente pertencentes ao cânone de nossa literatura, já traduzidos na França a partir dos anos 1960, como Graciliano Ramos e Ariano Suassuna; autores que já circulam no sistema cultural francês, com outras obras traduzidas, a partir dos anos 1990, como Bernardo Carvalho, Jô Soares, Luiz Schwarcz e Paulo Lins; autores que estão sendo traduzidos pela primeira vez para o francês como Michel Laub e Sérgio Rodrigues.

O primeiro conjunto de autores – os canônicos – não possuem artigos que tratam diretamente de sua literatura: Graciliano Ramos, um nome relativamente estável no sistema cultural francês graças às suas traduções francesas, aparece atrelado à notícia do lançamento tardio do filme *São Bernardo*, em 2014. Apesar de não tratar diretamente da produção literária de Graciliano, o artigo do jornal faz referência a três romances do autor traduzidos na França: “*l’adaptation très fidèle du roman éponyme de Graciliano Ramos (1892-1953), publié au Brésil en 1934 – comme la plupart des autres ouvrages de Ramos, parmi lesquels Angoisse et Sécheresse, Sao Bernardo*” (NOUCHI, 2014, p. 11). Ariano Suassuna, por sua vez, figura no jornal por um motivo mais melancólico, o seu falecimento. O artigo, publicado na seção *Disparitions & Carnets* e assinado por Mortaigne, presta uma última homenagem ao autor, recuperando informações biográficas importantes, além de detalhar parte de sua produção como acadêmico, dramaturgo, poeta, romancista e defensor da cultura popular nordestina. Porém, o artigo menciona somente duas obras de Suassuna: *O Auto da Compadecida (Le Testament du chien)*, apresentado como uma “*version théâtrale et érudite des vers du cordel*” (MORTAIGNE, 2014, p.



14), e *La Pierre du royaume*. É interessante perceber que, para legitimar a importância do escritor nordestino, a jornalista faz duas aproximações etnocêntricas: a chancela do filósofo francês Jean-Paul Sartre, que visitara Suassuna, durante viagem ao Brasil nos anos 1960 e a aproximação com o escritor provençal Frédéric Mistral, que também era um ferrenho defensor das culturas regionais. Persiste, nesse artigo, a tendência a uma aproximação europeizante entre o escritor nordestino e o seu universo cultural e linguístico.

O segundo conjunto de autores – Bernardo Carvalho, Jô Soares, Luiz Schwarcz e Paulo Lins – é mencionado sempre em resenhas. Carvalho, autor amplamente traduzido – *Aberrations* (1997), *Les ivrognes et les somnambules* (1998), *Les Initiales* (2002), traduzidos por Maryvonne Lapouge-Pettorelli e editados pela Rivages; *Neuf nuits* (2005), *Ta mère* (2010) e *Reproduction* (2015), traduzidos por Geneviève Leibrich e editados pela Métailié – é mencionado em uma resenha da peça *Dire ce qu'on ne pense pas dans des langues qu'on ne parle pas*, que estreara no Festival de Avignon. Darge, jornalista e crítica de teatro, fornece poucas informações sobre a peça, apenas o título, o autor, o diretor e sua duração. A crítica é bastante negativa. Segundo ela, “*la pièce [...] brasse, [...] sans bien maîtriser ce qu'elle manipule, et dans une écriture qui n'a pas grand-chose à envier à ces sitcoms qui inondent l'ensemble du continent sud-américain*” (DARGE, 2014, p. 14). Em relação a essa resenha, podemos fazer três observações. Em primeiro lugar, a ausência de maiores apresentações a respeito do autor da peça parece indicar uma posição de relativa familiaridade do público do jornal. Em segundo lugar, a jornalista não hesita em fazer uma grosseira generalização em relação ao consumo de bens culturais norte-americanos por todo o conjunto dos países sul-americanos. Darge cria, dessa forma, um fosso entre duas realidades: a de todo o continente sul-americano, dominado por produções inferiores, superficiais, “enlatadas” – incluindo a peça de Carvalho – e a do gosto refinado, erudito, representado pelas produções e pelo público do Festival, que havia se decepcionado com a mediocridade atribuída à peça. Chocam-se, pois, a supremacia da superficialidade de todo um continente – o americano – e os altos padrões franceses, convenientemente distanciado da decadência cultural. É a colisão de dois sistemas culturais hegemônicos, ressoando em um sistema cultural periférico, o brasileiro. Em terceiro lugar, o artigo apaga o estatuto escrito da dramaturgia, pois não apresenta nenhuma referência à tradução da peça de Carvalho, mas apenas a sua *mise en*

*scène.*

O segundo autor do conjunto, Jô Soares, já havia sido traduzido anteriormente na França: *Elémentaire, ma chère Sarah!* (2008) e *Meurtres à l'Académie* (2008), ambos por François Rosso e editados pela *Gallimard*, em seu selo policial. O livro citado no artigo de nosso corpus, *Les yeux plus grands que le ventre*, também é uma tradução lançada em 2014, pela mesma editora. Esse romance de Jô Soares é evocado nesse artigo de Mortaigne por conta de sua trama, o assassinato em série de mulheres mais corpulentas. É por esse viés temático que a jornalista aproxima três romances recém-traduzidos para o francês: o brasileiro e os de Lionel Shriver e Jami Attenberg. O artigo apresenta o enredo dos livros, os diferentes tratamentos do tema da obesidade, e inclui também uma breve sinopse, uma ficha técnica, com título traduzido, nome do autor, língua original, referência ao sistema cultural de origem, nome do tradutor, número de páginas, editora e preço de venda, além de um excerto. *Les yeux plus grands que le ventre* é classificado como um irresistível romance policial, mas que perde em profundidade em relação aos outros dois romances conhecidos na França.

O terceiro autor, Luiz Schwarcz, é tema de uma resenha mais longa, que anuncia o lançamento da edição francesa de *Linguagem dos sinais*, traduzido por Riaudel pela *Actes Sud*. O mesmo tradutor e editora foram responsáveis pela estreia de Schwarcz na França, *Éloge de la coïncidence* (2007). A resenha de Noiville evidencia a metamorfose de Schwarcz de editor para editor/escritor, além de discorrer sobre a forma e os temas do livro. Assim como no artigo sobre Suassuna e Jorge Mautner, a jornalista se vale novamente de aproximações com outros sistemas culturais para legitimar, não apenas a produção de Schwarcz, mas também a sua presença no jornal *Le Monde*: a tônica recai, primeiro, nas considerações tecidas pelo escritor e ensaísta Alberto Manguel, que assinou o prefácio da tradução de *Éloge* e, em seguida, na origem europeia dos pais de Schwarcz. Reforça-se, dessa forma, a lavra europeia do autor.

O último nome do conjunto de autores que já circulam no sistema cultural francês é o de Paulo Lins, cujo *Cité de Dieu* foi impulsionado pela versão cinematográfica de Fernando Meirelles e Kátia Lund. Na nota, anuncia-se o lançamento de seu novo livro, *Depuis que la samba est samba*. Apesar da brevidade do artigo, a jornalista Blanchet-Hildago não se furta a evocar as duas referências de peso, o romance *Cité de Dieu* e o seu filme. Além disso, dois estereótipos acerca do Brasil são convocados: a sensualidade –

“un récit tout à la fois érudit, musical et sensuel” e “poètes et musiciens, prostituées et escrocs dansent et s’énivrent dans le quartier mal-fame de l’Estácio” (BLANCHET-HIDALGO, 2014, p. 5) – e a violência, associada ao *Cidade de Deus*, além da menção a uma atmosfera de mistério, loucura e truculência. Todos esses elementos são, evidentemente, regados com uma generosa dose de samba. Diferentemente da literatura, a música brasileira nunca precisou pedir licença no sistema cultural francês.

O terceiro grupo de autores, composto por estreantes no sistema cultural francês, inclui: Sérgio Rodrigues e Michel Laub. Rodrigues, a convite do jornal, escreve a novela “Jules Rimet, meu Amor”, já mencionada anteriormente. Tanto a novela, quanto o romance *O Drible*, reforçam a imagem do Brasil como país do futebol, tema que foi tratado à exaustão pela imprensa francesa entre junho e julho de 2014. O segundo autor, Michel Laub, tem o seu *Le journal de la chute*, traduzido por Dominique Nédellec e publicado pela *Buchet-Chastel*.

Na divisão em conjuntos de autores, segundo seu estatuto aparente no sistema cultural francês, excluimos Jorge Mautner, cuja referência constitui um caso particular. Apesar de ter sido mencionado como escritor, essa atividade parece funcionar unicamente para atestar a sua versatilidade artística. Como não existem, por ora, traduções para o francês de seus livros, a sua produção literária permanece desconhecida para o público médio francês.

Até aqui, pudemos traçar, por amostragem, um modesto perfil da literatura brasileira que frequenta as páginas do *Le Monde*. Todos os autores mencionados são homens, o que provoca o total apagamento da literatura brasileira contemporânea produzida por mulheres, apesar de escritoras, como Clarice Lispector, terem tido uma recepção bastante produtiva na França. Cherem (2013, p. 168) aponta a importância da existência de uma editora como a *des femmes* que, ligada à causa feminista, problematizou, traduziu e publicou a produção dessa escritora tão importante para as nossas letras. Porém, segundo o que encontramos nas páginas do jornal, a literatura brasileira traduzida é representada como uma produção intelectual masculina – imagem que, por si só, já é bastante problemática.

Além disso, a literatura brasileira traduzida que é noticiada pertence, em sua maioria – com exceção de Carvalho e de Suassuna, que são apresentados como romancistas e dramaturgos – ao domínio do romance. Durante todo o ano de 2014, não

houve sequer uma única menção à produção poética brasileira. Podemos nos indagar sobre a origem dessa lacuna: o problema seria a pouca visibilidade da poesia brasileira na França ou apenas a pouca visibilidade nesse jornal em específico? Rivas (2005, p.76) evoca a especificidade do caso da poesia. O seu público leitor estaria reduzido não apenas na França, mas em todo lugar; não apenas de poesia estrangeira, mas também da produção na língua local.

Outro aspecto interessante é o predomínio do Rio de Janeiro e do Nordeste, com exceção de Carvalho e de Schwarcz, cujas obras não apresentam uma marcação do espaço. Nos romances de Jô Soares, de Lins e na novela de Rodrigues, a ação é ambientada no Rio de Janeiro, enquanto no Nordeste, temos a produção de Suassuna e o *São Bernardo*, de Graciliano. O romance de Laub é o único, dentre todas as referências diretas a livros da literatura brasileira comportadas em nosso corpus, que se afasta do eixo geográfico Rio de Janeiro-Nordeste. A ação do romance se passa em Porto Alegre e, possivelmente por uma falta de familiaridade do leitorado do jornal, é necessário dar uma pista sobre a sua localização, no sul do país. Como já vimos anteriormente, as referências, tanto ao Nordeste, quanto à cidade do Rio de Janeiro, são mais sucintas e partem do pressuposto de um conhecimento prévio do leitor. Isso não surpreende, pois esses dois espaços já fazem parte do horizonte de expectativa do leitor francês. O exótico Brasil nordestino foi longamente cultivado, através da coleção “*Croix du Sud*” e dos populares romances de Jorge Amado. O Rio de Janeiro também parece constituir um desses “lugares de sonho”, uma representação arquetípica sob forma de cidade da exuberância, da sensualidade, do samba e da *douceur de vie* dos trópicos solares.

Podemos, até aqui, resumir a imagem da literatura brasileira traduzida na França em três pontos: autoria exclusivamente masculina; produção exclusivamente romanesca – com um breve aceno à dramaturgia e exclusão radical da poesia; predominância do Brasil carioca e do Brasil nordestino.

### 3.1 Alguns acertos

Até esse momento, em nosso artigo, apontamos apenas os problemas e as lacunas em relação à representação da literatura brasileira traduzida no jornal *Le Monde*. Isto não significa que não encontramos pontos positivos, que poderiam contribuir para a difusão

de imagens simplificadoras dessa literatura no sistema cultural francês. Dentre os acertos, podemos destacar duas mudanças bastante significativas: a referência sistemática ao nosso universo linguístico e ao nosso sistema cultural e uma escolha menos estereotípica das imagens que ilustraram os artigos e resenhas. Torres (2011, p. 26) explica a importância da expressão “*Traduit du portugais (Brésil)*” como indicação de pertencimento a um outro sistema linguístico, cultural e literário. A expressão age como uma espécie de alerta, informando o leitor a respeito da origem da obra evocada, ativando elementos já conhecidos que constituem o seu horizonte de expectativa em relação a uma outra cultura. Torres ainda especula a respeito do efeito que essa expressão pode induzir no leitor: curiosidade, desejo de evasão ou até mesmo rejeição do outro... De qualquer forma, “*Traduit du portugais (Brésil)*”, que aparece sistematicamente – com exceção do artigo sobre a peça de Carvalho – localiza as obras tratadas no sistema literário brasileiro, marcando a especificidade de nossa língua – o português brasileiro – e de nosso sistema cultural não-europeu. A literatura brasileira, dentro desse sistema cultural, não aparece mais como uma ramificação da literatura portuguesa, por exemplo. Até mesmo a especificidade linguística do português brasileiro é sistematicamente marcada.

Outro aspecto positivo nos artigos do *Le Monde* é o uso de imagens que não ativam os estereótipos já existentes acerca da cultura brasileira. Nos artigos sobre Suassuna e Mautner, encontramos apenas retratos dos dois artistas. Nas resenhas, encontramos sempre a reprodução das capas das edições francesas. Nesse caso, o único livro que apela para uma capa de tom mais exotizante é justamente o volume de Lins, sobre o samba. No entanto, a capa dos livros é um fator que escapa à alçada do jornal, sendo de competência das editoras.

#### **4. Considerações finais**

Apesar das limitações impostas pelo nosso corpus reduzido, a seleção de um jornal e de um ano, pudemos perceber que a literatura brasileira traduzida ainda ocupa uma posição periférica no sistema cultural francês. Além disso, o espaço dedicado a sua divulgação em veículos não especializados – jornais e revistas de grande circulação – ainda é bastante restrito. A nossa literatura permanece à margem, mesmo nos suplementos do jornal: ela pertence exclusivamente ao plano cultural (suplemento *Cultures & Idées*)

ou ao estritamente literário (suplemento *Le Monde des Livres*), e dificilmente ocupa um espaço de maior protagonismo.

Em um ano de muita visibilidade internacional, no qual os olhos do mundo estiveram voltados para o Brasil, tivemos apenas nove artigos – unificando os vinte e quatro capítulos da novela de Rodrigues – tratando, direta ou indiretamente de nossa literatura. Entre janeiro e maio, não houve um único artigo tratando de nossa literatura. Entre junho e julho, a altíssima incidência de artigos é provocada pelos fascículos da novela de Sérgio Rodrigues, mas imediatamente após o término de sua publicação, o número de artigos sobre o Brasil e sua literatura decresce rapidamente chegando a zero em dezembro. Rissardo (2013, p. 6) observa que, durante a realização de algum evento – literário, como os Salões do Livro, político-cultural, como o Ano do Brasil da França ou esportivo, como a Copa do Mundo – o interesse pelo Brasil aumenta. No caso específico de eventos literários, a imprensa dedica numerosas páginas sobre nossas letras e o número de novas edições e traduções cresce consideravelmente. Essa pesquisadora, porém, nos lembra que tão logo terminam os eventos, o silêncio em torno da literatura brasileira volta a pesar. Os artigos rareiam e as resenhas dedicadas aos lançamentos tornam-se mais e mais esparsas.

Além desses grandes eventos, algumas efemérides também parecem provocar alguma reação da imprensa, como a morte de uma personalidade de destaque, por exemplo. O ano de 2014 foi especialmente triste para a literatura brasileira, pois perdemos três nomes importantes: Rubem Alves, João Ubaldo Ribeiro e Ariano Suassuna. Dentre os três, apenas Rubem Alves não contava com traduções de sua obra na França. Porém, apenas Suassuna mereceu um artigo na seção *Disparitions*. Isso nos mostra que, apesar dessas efemérides terem algum impacto na imprensa francesa, elas possuem pesos diferentes. Torres (2011, p. 14) se indaga sobre esse tipo “genérico” de interesse que o Brasil tem despertado a nível mundial, mas que não recobre necessariamente a nossa literatura.

Se hoje o Brasil é um país reconhecidamente importante na França, por seu dinamismo político e econômico, sua força musical e cultural, de modo geral, a nossa literatura, contudo, apesar das inúmeras traduções e retraduções de grandes obras, continua sendo vertida de modo descuidado, o que impede a descoberta pelos franceses, e pelos falantes e leitores da língua francesa, do lugar real que deve ocupar a literatura brasileira no polissistema literário ocidental. (TORRES, 2011, p. 14).

Apesar de ser uma tarefa bastante espinhosa determinar precisamente o espaço que as literaturas devem ocupar no polissistema literário, podemos tentar perceber qual é o espaço que elas ocupam de fato. Além disso, podemos destacar quais são as representações mais evocadas, se elas apenas reforçam os estereótipos, se elas contribuem, de alguma maneira, para a construção de um quadro menos simplista, menos reducionista. Em nosso trabalho, acabamos, por exemplo, encontrando um conjunto um tanto homogêneo de autores, o que contraria o lugar-comum do Brasil ser conhecido pela sua diversidade.

Apesar de alguma abertura para a literatura de outras regiões, a força das imagens do Brasil nordestino e do Brasil carioca ainda predomina – ao menos nas páginas da imprensa francesa. Além disso, o reinado quase absoluto do romance também nos indica que a poesia e a dramaturgia brasileiras pertencem, dentro desse espaço periférico, a um espaço ainda mais marginal. Ultrapassando a periferia e chegando a uma espécie de limbo, as autoras mulheres da literatura brasileira são invisíveis no *Le Monde*. Se, segundo Rissardo (2015, p. 6), a imprensa pode servir como uma espécie de termômetro sobre a recepção da literatura brasileira na França, parece-nos que a divulgação dessa literatura ainda é modesta, não contemplando a totalidade das traduções lançadas no país. O número de traduções, conforme vimos anteriormente, tem aumentado significativamente. No entanto, esse movimento deve ser acompanhado de uma divulgação mais ampla e de ações que possam criar um público para essa produção, sob o risco de termos uma literatura sem leitores.

### Referências

- BLANCHET-HIDALGO, P. La samba, c'est ça! **Le Monde**. Paris. 26 set. 2014. *Le Monde des livres*, p. 5.
- BOUCHY, F. Insoutenable pesanteur de la chair. **Le Monde**. Paris. 21 nov. 2014. *Cultures & Idées*, p. 7.
- CARELLI, M. **Culturas cruzadas – Intercâmbios culturais entre França e Brasil**. São Paulo: Papyrus, 1994.
- CHAMPAGNE, P. Le médiateur entre deux Monde: Transformation du champ médiatique et gestion du capital journalistique. **Actes de la recherche en sciences sociales**. Paris, v. 131, 2000.
- CHEREM, L. **As duas Clarices entre a Europa e a América – Leitura e tradução da obra de Clarice Lispector na França e no Quebec**. Curitiba: Editora UFPR, 2013
- DARGE, F. Allemagne-Brésil, match nul à Avignon. **Le Monde**. Paris. 10 jul. 2014, p.

14.

EVEN-ZOHAR, I. A posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário; Trad. Leandro de Ávila Braga. **Translatio**. Porto Alegre, n. 3, 2012. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/34674/22321>. Acesso em 20 junho 2016.

LE MONDE. Paris: Groupe Le Monde, 2014.

MORTAIGNE, V. Ariano Suassuna. **Le Monde**. Paris. 30 jul. 2014, p. 14.

\_\_\_\_\_. Brésilien pur sucre. **Le Monde**. Paris, 04 out. 2014. Cultures & Idées, p. 3.

NOIVILLE, F. Tessons de souvenir. **Le Monde**. Paris, 20 jun. 2014. *Le Monde des Livres*, Paris, p. 5.

NOUCHI, F. L'ancien ouvrier agricole brésilien devenu bouffeur de comunistes. **Le Monde**. Paris. 11 jun. 2014, p. 11.

RIAUDEL, M. **Le Brésil par la voie des livres**. In: **Brasil-França**. Paris: adpf, 2005.

RISSARDO, A. O enigma da literatura brasileira contemporânea na França: Recepção, visibilidade e legitimação. In: XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 2015. Belém. **Anais...** Belém: ABRALIC, 2015.

\_\_\_\_\_. Contra o clichê: a prosa itinerante de Bernardo Carvalho e a recepção francesa. In: XIII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 2013, Campina Grande. **Anais...** Campina Grande, 2013.

RIVAS, P. **Diálogos interculturais**. São Paulo: Hucitec, 2005.

RODRIGUES, S. Jules Rimet, meu Amor; Trad. Ana Isabel Sardinha, Antoine Volodine. **Le Monde**. Paris. jun./jul. 2014. Brésil.

SIMON, C. Se relever. **Le Monde**. Paris. 12 set. 2014, p. 5.

TORRES, M.-H. C. **Traduzir o Brasil literário: Paratexto e discurso de acompanhamento**. Tubarão: Copiart, 2011.

TOURY, G. **Descriptive translation studies – and beyond: Revised Edition**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2012.